

Auto do Nascimento do Menino Sagrado

Organização, introdução e notas de
António Bárbolo Alves
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: *Auto do nascimento do menino Sagrado*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Dezembro de 2007

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l' Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L. DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

1. Versões existentes do Centro de Estudos António Maria Mourinho

No CEAMM existem três exemplares, dactilografados, com vinte e oito páginas.

No “original”, reproduzido na versão digitalizada, encontramos algumas correcções e emendas da autoria do Dr. António Mourinho.

2. Origens

O texto deste “auto” imerge-nos directamente nas representações litúrgicas ligadas ao ciclo Natalício. Os temas bíblicos estiveram na origem de muitos textos e representações, anteriores ao aparecimento do próprio teatro enquanto espectáculo concebido para um público. Garcia de Resende, por exemplo, dá-nos conta de uma representação, em Évora, intitulado *O Paraíso*, por ocasião do nascimento do filho de D. João II. Mas a tradição das Terra de Miranda não é apenas herdeira do teatro que se fazia em solo português. As representações litúrgicas dos terreiros zamoranos, salmantinos ou mesmo de Valladolid tiveram aqui os seus ecos e, por certo, terão ajudado a consolidar essa longa tradição teatral. Por isso, não é de estranhar que alguns destes textos se tenham conservado nesta região e, de uma forma geral, no Nordeste Português.

3. Representações

Não conhecemos nenhuma referência concreta a representações que tenham ocorrido da totalidade deste *auto*. Contudo, como se pode constatar pelas nossas edições, ele inclui textos mais pequenos, passíveis de serem representados separadamente. A EMBAIXADA, por exemplo, foi representada, em Duas Igrejas, durante muitos anos, no dia de Natal e dentro da Igreja. Refira-se ainda que numa folha solta, agrafada no início de uma das versões, se pode ler, em letras manuscritas da autoria de António Mourinho: *Auto do Natal, 1980*. Desconhecemos se esta menção faz referência ou não a alguma representação que tenha sido feita nesse ano.

DIZ SEMEÃO

Alto Deus de Israel
Já que me destes por sorte
Suposto que sou indigno
De chegar a sacerdote.

E administrador
Desse vosso templo santo
Me concedeis senhor enquanto
Vos suplico senhor
Que influais no meu peito
O que devo obrar
Do que vós tendes eleito.

Maria sai-lhe diante:

SEMEÃO

Pura e casta menina
Vejo-me admirado
E não fico satisfeito
Sem que vós tomeis estado.

Por vossa exemplar vida
É preciso satisfazer
Ao vosso merecimento
Querendo vós conceber.

Assim é minha vontade
Que vós haveis de casar
Pois esse é o estado
Que vós haveis de tomar.

MARIA

Meu sábio e santo senhor
Sou vossa de coração
Em porém de muito alheia
Da vossa resolução

Não somente por me achar
Muito de menor idade
Mas porque fiz ao altíssimo
Voto de castidade.

SEMEÃO

Suposto que tenhas feito
Voto de castidade
O que muito me admira
Dessa tão tenra *idade*.

Vós deveis obedecer
Às leis do mesmo senhor

Que tudo vos determina
Tudo por vosso amor.

MARIA

Eu sempre determinei
Em este estado viver
Vivendo até à morte
Sem outro estado querer.

Por amor do mesmo Deus
A quem adoro e venero
A quem tomo por esposo
Outro estado não quero.

SEMEÃO

O vosso firme propósito
Rica bela menina
Bem satisfeito me deixa
E a mim mesmo me convinha.

Mas a origem deste templo
Que as leis obedeçais
As meninas primogénitas
Que no templo habitais.

MARIA

Mas como será possível
A meu Deus obedecer
Para estado de casada
Isso não pode ser.

Fiz voto ao senhor
De o servir de solteira
Se me caso já não fica
A palavra verdadeira.

SEMEÃO

Muito vos louvo menina
Esse vosso génio
Mas o senhor não toma
Isso em tédio.

Porque também de casada
Ele vos há-de aceitar
Esse é o estado
Que vós haveis de tomar.

MARIA

Como sabeis e guardais
Sacerdote santo justo

As leis do mesmo Deus
A quem eu me atributo.

E como *tremente*¹ do mesmo
A cumpri-las me obrigais
Obrarei por seus preceitos
O que me determinais.

SEMEÃO

Rica ilustre jóia
Quero-vos dar um varão
Grande gosto recebo
Com vossa resolução.

Mas como duvido achá-lo
Ao vosso merecimento
Quero mandar chamar
Os do vosso nascimento.

Da família de David
Para neles escolher
O que Deus escolher
Esse é que há-de ser.

Sai a Senhora ao retiro e posta de joelhos diz:

MARIA

Altíssimo senhor,
Bem conheceis a firmeza
Que em meu coração cabe
Se ser vossa *belesa*.

Eu vos dei minha palavra
De minha *pureza* conservar
Porém vosso mistério
Meu intento fez mudar.

Se assim é vossa vontade
Assim o quero aceitar
Consolai-me Deus divino
No que devo obrar.

ANJO

Obedece ó Maria
Ao que Deus determina
Pois o tu seres casada
Ainda Deus mais o estima.

MARIA

Ó céus! Ó céus ensinai-me

A louvar constantemente
A quem fez tantas *bonrras*
A quem quero louvar sempre.

Vai-se e sai Semeão e os varões diante e diz:

Um de vós outros amigos
O céu hoje vos escolhe
Para jardim da melhor flor
E da *cussena*² mais nobre.

Recosto de melhor árvore
Norte da melhor estrela
O que for entre vós
Escolhido por ela.

Há-de ser feliz esposo
Da filha de Joaquim
E de Ana sua mulher
Deus o determina assim.

Dizem todos:

Eu não mereço, não, não
Eu não mereço tal sorte
Eu não mereço a dita
De lograr esta consorte.

SEMEÃO

Da família de David
Não vos podeis defender
Há-de ser aquele esposo
Que se há-de receber.

Todos:

Eu não mereço não, não

SEMEÃO

Reverentes, implorai
Ao patrocínio celeste
Daquele Deus onipotente
Com espírito celeste.

Que se queira dar sinal
De quem há-de ser a guia
Daquele vaso famoso

¹ Por “temente”.

² Por “açucena”. A flor da açucena é, muitas vezes, símbolo de Cristo, mas também o próprio São José aparece representado com uma açucena na mão.

E de sua serva Maria.

Pois prenda como aquele
Cárcere, amparo *honroso*
Um de vós que aqui estais
Há-de ser o seu esposo.

Todos:

Eu não mereço não, não

SEMEÃO

Obedecei ao mandado
Estas varinhas tomai
Sequinhas como estão
E com viva fé orai.

Aquele Deus de Israel
Que nelas queira mostrar
Algum sinal evidente
De quem a há-de lograr.

Deu-lhe as varas e posto de joelhos diz Semeão:

Ó meu Deus de *Esrael*
Quem há-de ser o esposo de
Maria tão fiel

José tira uma vara florida e diz:

Ó Deus! Ó céus piedoso
Estou louco e perturbado
Ou é defeito da vista
Ou a vara me hão trocado

Dizem os outros:

Ditosa dita feliz sorte
Que serviço é
Ó que *também*⁴ empregada
Maria para José

JOSÉ

Vós estais-me a lograr
Vós trocastes me a vara
Esta vara não é minha
Esta vara é trocada.

Dizem dos dois varões:

Ditosa dita feliz sorte
Que servido é
Ó *também*⁴ empregada Maria
Para José.

JOSÉ

Deixai-vos de parabéns
Tal sorte não pode havê-la
Eu não mereço ser esposo
Daquela linda estrela.

SEMEÃO

É para vós escolhida
Disponde os desposórios
Pedindo a Deus auxílios
Com ânímos fervorosos.

JOSÉ

Sacerdote justo e santo
Como pode isso ser
Dar-me Deus tal fortuna
Sem eu nada merecer.

Sendo velho, barbado
Pobre, sem ter fazenda
Estando estes mancebos
Abundantes de riqueza.

Sendo ela tão honrada
E formosa como ela pode *crer*⁵
Um velho para seu esposo?

Rei de *Esrael* soberano
Por vossa onnipotência
Pois que vossa clemência
Governa o género humano.

Declarai-me este ramo
Que virtude pode ter
Não haja por aqui serpentes
Que nele se queira meter.

Meu afecto me procura
O viver com lealdade
Nessa mesmo confio
Sendo da vossa vontade.

Vai chegando para Maria e diz:

³ Por “tão bem”.

⁴ Por “tão bem”,

⁵ “Por “querer”.

Porém Maria aqui está
Quero chegar a falar-te
Prima, senhora minha
Aqui estou para adorar-te.

MARIA
Esposo, primo e senhor
Aqui está quem há-de ser
Serva e escrava vossa
Para vos obedecer.

JOSÉ
Alegre está minha alma
Minha esposa querida
Entre dois parabéns
Sois ditas publicas.

Já este ramo que vedes
Anúncios de ditas tem
Que parece a Primavera
Com suas flores também.

Anúncios me vem a dar
Duma glória tão singela
Que parece anunciação
Baixou do céu à terra.

MARIA
Ó meu querido esposo
Para *tu*⁶ explicar
A minha voz mo impede
A língua mo faz tardar.

Para que somente possa
Do que é prazer obrar
Só o silêncio sem voz
O pode manifestar.

Recolhe-se e sai José confuso:

Desvelado de minha dúvida
Confuso de meus assombros
Aflito de minhas penas
E morte de meus afogos.

Nadando em um mar profundo
De lágrimas que eu choro
Deixo minha esposa
Metida em oratório.

Pedindo humildemente
Aqui para este retiro
Pedindo a Deus do céu
Que me queira dar alívio.

Eu vos prometi senhor
De vos guardar virgindade
Sem me ser isso penoso
Sendo da vossa vontade.

Pois para *consulação*
De *consular* a alegria
Basta me ver os olhos
Da minha esposa Maria.

Pois com lágrimas que eu choro
De perder tão alta prenda
E preciso perdê-la
Do que Deus me defenda.

Dai-me uma luz senhor
Nestas trevas em que estou
Tirai-me do grande mar
Em que afogado estou.

ANJO
O receberes essa esposa
Não o temas ó José
Pois o ser a tua consorte
Do agrado de Deus é.

É a criatura mais bela
Do lado da castidade
Fez voto sem ter mester
De guardar virgindade.

Pois consta das escrituras
Ser mais bela que Raquel
E mais *perferida*⁷ que todos.

JOSÉ
Com estas alegres ditas
Que a minha alma são notórias
Todas as minhas penas
Se resolvem em glórias.

Há maior felicidade
Que ter tão casta esposa
Há fortuna como a minha

⁶ Por “to”.

⁷ Na edição do Padre Firmino Martins lê-se “perfeita”.

Sendo ela tão formosa?

Tornam a vir diante de Semeão:

SEMEÃO

Seja muito para bem
Esta *binda* tão ditosa
Esta tal sociedade
De José e sua esposa.

JOSÉ

Esta união perfeita
Não há outra como ela
Pois aqui está já o norte
Daquela linda estrela.

SEMEÃO

Aqui está o daquela estrela
O norte mais exaltado
O vaso mais precioso
Digno de ser venerado.

É um ilustre tesouro
Unido com esta flor
Que enriquece todo o mundo
Com seu ilustre valor.

Será o ditoso José
De Maria companheiro
Que há-de servir de guia
Ao sol mais verdadeiro.

Será Maria primeiro
Na virtude e no exemplo
Que há-de servir a José
Dentro e fora do templo.

Será luz e aurora
Que *elustrará* seus sentidos
Consiguindo do senhor
Seus verdadeiros desígnios.

Tocam e dão as mãos e dizem Semeão:

SEMEÃO

Minhas rolas belas prendas
Ide na paz do Senhor
Obedecei um ao outro
Por seu divino amor.

Obedecei um ao outro

Com paz e felicidade
Abençoado sejais
Da Santíssima Trindade

MARIA

Adeus sacerdote santo
Adeus doce companhia
Adeus templo sagrado
A quem eu tanto queria.

Vai para o retiro e diz:

Graças vos dou ó altíssimo
Pelos grandes benefícios
Que por vossa onnipotência
Hoje me são concedidos.

Pois o belo *paranífico*⁸
Com a sua embaixada
A *turba*⁹ nuvem do meu peito
Se *desfêz*¹⁰ sem ficar nada

Fala para José e diz:

Aqui está meu doce nobre
José, esposo meu
Esta indigna escrava
Que Deus para vós escolheu.

JOSÉ

Ó estimada esposa
Eu para vós estou eleito
Tributando o amor
Que procede do meu peito

*Dorme José e a Senhora vai ao retiro e prostrada
de joelhos lê a escritura:*

MARIA

Enquanto meu querido esposo José
Em doce sono repousa
Quero eu atenta e mais que saudosa
Prosseguir nas *professias* de Isaías
Aonde eu suspenda estes dias
Minha alma mistérios nota.

Tão ocultos como grandes

⁸ Por “paranífico”.

⁹ Por “turva”, verificando-se, como em outras ocasiões a supressão da oposição entre [b] e [v].

¹⁰ Por “desfez”.

Ó monarca da glória
Benigno Deus de Israel
Com vontade heróica
Mais um retrato humilde
De tua idade poderosa.

No cap. 2 prossegue desta maneira:

Isaías diz que uma virgem
Feliz e mais que ditosa
Conceberá e parirá um filho
Que ao mundo dará glória.

Pode haver maior ventura
Do que esta que estou lendo
Como, alma minha, não suspendo
Estas ponderações
Com tão saudáveis razões
O coração não entende.

Bendita seja para sempre
Vossa santa clemência
Tua clara estrela ou tua
Formosura que é a do sol
Que adoro e a justiça há-de ser a bela
aurora
Ó céus que mulher tão venturosa
Ó quem tivera por fortuna o conhecê-la
Que posta em o mundo tal *honrra* tivera
Que chegará a conhecê-la
E ser escrava daquela divina princesa
Mãe do sol que Israel¹¹
Ilustrará com sua glória.

Pois o estar ela no mundo
É certo segundo o afirmam
As *professias* e dizem as sagradas letras
Altíssimo Deus soberano
A quem minha alma adora
Se vos não ofendem meus tristes rogos
Se vos agradais das minhas palavra
Se vos entretêm meus prantos
Permiti que eu chegue
A conhecer esta divina senhora.

E esta donzela as mesmas letras
O afirmam ser de David descendente
Mas eu por minha *pobresa*
Não mereço essa sorte

Assim o medito na verdade
Suposto que casei com este varão
Ele fez o mesmo voto
À minha imitação
Ó quem será tal senhora
Ó quem será tal donzela.

ANJO
Entre todas as mulheres
Vós sois a escolhida,
Sois mais perfeita que todas
Sem pecado concebida.

MARIA
Céus, que é isto? A esta hora gente?

ANJO
Aqui venho enviado
Daquele Deus omnipotente

MARIA
Confusa estou turvada
Com o que ouço agora
Não posso compreender
Que é isto a esta hora.

ANJO
Deus vos salve Maria
Cheia sois de graça mar
Pois o senhor é convosco
Por uma união singular.

MARIA
Suspensa estou confusa
Com esta saudação
Com ela se abre meu peito
Revive meu coração.

ANJO
Não temas que achaste graça
Nos olhos do padre eterno
Há-de conceber e parir
Um filho primogénito.

A quem se chamará Jesus
Que será grande chamado
Filho de Deus ocupando
De David o reinado.

E na casa de José,
Para sempre reinará,

¹¹ A forma que nos aparece no nosso texto é “esrael”.

E o seu reino
Nunca mais fim terá.

MARIA

Fiz voto de castidade
Já isso não pode ser
Nunca conheci varão
Nem o posso conhecer.

ANJO

Sem conhecer varão
Vós haveis de conceber
Parireis ficando virgem
Pelo divino poder.

Pois sobre vós virá
O divino Espírito Santo
E a virtude do altíssimo
Vos cobrirá enquanto.

E de vós há-de nascer
O santo rei de Israel
Que será filho de Deus
Jesus Cristo Manuel.

Pois sabei que vossa prima
Estimada Isabel
Concebeu há seis meses
Sendo ela já estéril.

Pois esta é a vontade
Daquele divino senhor
Que tudo pode e promete
Por seu divino amor.

Sai a pomba e tocam.

MARIA

Aqui está senhor
A vossa serva e escrava
Faça-se em mim
Segundo a vossa palavra.

Adeus mensageiro santo
Adeus doce companhia
Adeus templo sacrário
A quem eu tanto queria.

Visitação de Santa Isabel.

*Virá S. José e a senhora, acompanhados dos
pastores com muita alegria cantando. E santa*

*Isabel com os pastores Balo e Pascoal, para saber
que festas são aquelas
Sai Balo e diz:*

Donde são tantas glórias
Que escuto e não vejo
Parecem cousas do céu
Valha-me Deus que festejo.

Que música será esta
Que me faz endoidecer?
Donde é o seu principio
Não o posso conhecer.

Isto são cousas do céu
Que ao mundo querem baixar
Meu coração o adivinha
Só me dá para bailar.

Mai ai, que quererá ser
Que admirado me tem
No meio de tantas luzes
Minha senhora só vem.

ISABEL

Balo, tu não ajuízas
Música tão singular
Eu suspensa [de] ver
O que não posso alcançar.

BALO

Só os meus ouvidos logram
Mas não posso explicar
Pois não há língua nem boca
Que possa pronunciar.

ISABEL

Vê se podes compreender
Donde nasce tal prazer
Pois música tão singular
Só do céu pode descer.

BALO

Eu ouvi foi cá de longe
De certo não conheci
E não sei que possa ser
Outra cousa ainda não vi.

Serão os vossos pastores
Por virem a conhecer
Pois vós de velha estéril

Chegasteis a conceber.

Pois a todos dá prazer
Esta grande novidade
Muitos não cabem na pele
E eu sou uma na verdade.

ISABEL

Novidades que eu experimento
Não compreendo na verdade
São de Deus de Israel
Ou festas de piedade.

PASCOAL

Pasmado estou senhora
E admirado me vejo
Com tão grande alegria
E *tam* belo festejo.

Tu que dizes Isabel¹²
Vê se podes compreender
Tão singular alegria
Donde vem a proceder.

Vós senhora não sabeis
Uma grande maravilha
Que chegaram os pastores
De vossa prima Maria.

As árvores lançam flores
As aves cantam suave
Que denotam Primavera
Na verdade, na verdade.

ISABEL

Pascoal eu não alcanço
Nem posso compreender
Tira-me deste cuidado
Diz-me que pode isto ser.

PASCOAL

Os pastores acompanham
De vontade muito bela
Deixaram os seus rebanhos
No alto cume da serra.

ISABEL

Mais que feliz e ditosa
Se minha prima Maria
Me vem ver a minha casa

Dando-me tanta alegria.

Ó ditosa e feliz vinda
De minha prima Maria
Despovoi as cabanas
Mostrai vossa *visarria*¹³
Já que os montes florescem
Com a vinda de Maria.

Juntai-vos com alegria
E vinde-me acompanhar
Que eu vou receber
Aquela estrela-do-mar.

Juntam-se:

O senhor venha convosco
Rica jóia, prenda minha
Pois a *consular-me* vindes
Dando-me tanta alegria

A vossos pés me dai licença
Que ofereça minha vontade
Pois me *viesteis* a dar
Tantas *bonrras* na verdade.

Dá-me a glória de teus braços
Para formar amorosos braços

Que língua haverá no mundo
Que possa explicar
O gozo que minha alma recebeu
Pois o fruto do meu ventre
Se humilhou
E se celebram os mistérios mais

Mais altivos da vossa vista nascidos,
Pois o fruto do meu ventre se humilhou,
Reverente, altos são os mistérios sublimes
Estes prodígios, já vejo prima e senhora
minha
que sois a cidade mais forte que em si
encerra
o mais valoroso tesouro. Vós sois a carta
fexada
em que o padre eterno escreve as mais
cientes letras
para os sábios do mundo empregarem os
seus desvelos.

¹² “esabel”, no original.

¹³ Por “bizarria”, ou seja, galhardia. Note-se, neste caso, a troca de [b] por [v].

Vós sois aquela donzela nuvem por onde o divino sol transpira com os seus dourados raios. Bendita sejais para sempre entre todas as mulheres, pois no vosso ventre se encerra o fruto da melhor árvore que há-de dar vida e salvar o seu povo venturoso.

MARIA

Prima e senhora, Altíssimo onnipotente, fortalecei o meu espírito.

Minha alma reforça e recreia, pois sendo a mais humilde serva me vejo aclamada por bendita entre todas as mulheres, entre todas as gentes mais estranhas nas cidades, aldeias e montanhas. Estes são os portentos com que o altíssimo me favorece, e o seu grande nome me aclama, pois se dignou alumiar-me de pousada em pousada, sendo sempre minha guia nesta jornada, abrandando os soberbos que altivos se mostravam, e engrandecendo os benignos e humildes que miseráveis se achavam.

ISABEL

Vinde, vinde já custódia santa, trazer vida suave aos enfermos da primeira culpa, vinde, luz, da palestina, alegrar com a voz divina o ditoso infante, que em meu ventre se acha saltando, neste instante dando claros indícios de sua dita em meu gozo.

Abraçam-se e dizem Isabel:

Tornai-me a dar os braços rico cofre, donde hoje se despendem os melhores tesouros para enriquecer a casa de Zacarias, que mudastes com alvoroço de tanta alegria e a esperar-vos estamos carroça de ouro em que se muda aquele divino *vervo*¹⁴ encarnado.

Vamos exemplo de humildade, aqueduto da divina graça, vamos águia-real que pelas dilatadas montanhas voas. Voaste para com vossas asas, agasalhar esta família vossa que com gozo vos esperava.

MARIA

Vamos amada prima
E cantem os pastores
A misteriosa vinda.

Cântico dos pastores:

Ó bela Maria, Maria sagrada
A bela Maria seja bem chegada.

Zelos de S. José:

Suspense, vivo confuso, aflito, pasmado me considero, ai Deus eterno como é possível, que meu espírito se não extinga, que minhas carnes se não sequem, que minha língua se não emudeça, que minha alma se não aparte deste infeliz cárcere em que habita, vivendo com uma ilha de fogo que por dentro assumam as acendidas labaredas e por fora assombros cruéis e furiosas tempestades. Ó céus que mar de aflições; piedoso Deus eterno, consolai este afligido, vede quem triste e penoso naufragando entre as ondas e temores e assombros; ai de mim, como é possível que Maria! Ai que digo céus!

Como me atrevo, imaginando, não creio que Maria me ofendesse, nem é possível, mas que digo, ela crescida do ventre está, ela não mostra moléstia donde isto lhe resulte, prenha sem dúvida está.

Mas como me atrevo a preferir contra sua grande virtude, de castidade e exemplo.

É erro, é erro, é engano de meus olhos, Maria não me ofendeu nem é possível, pois Maria é mais pura que os céus, é erro e ilusão minha. Seu resplendor tão luminoso, aquela águia-real, aqueles olhos serenos hão-de atrever-se a profanar sua *honrra*, sua família, sua linhagem.

Valha-me o céu que é isto? Eu se afirmo nela os olhos fazem certa minha suspeita, seu crescido ventre bem o manifesta. Prenha sem dúvida está minha esposa.

Dai-me favor céus piedoso, entre tantas angústias e pesares que já conheço.

¹⁴ Por “verbo”.

Ó que mentiras fantasias, põe a minha dita em estorvo, mistérios são que não alcanço, os que neste *cucico*¹⁵ noto.

Ora é possível e não creio nem crer posso, que possa haver mácula naquele Sólido¹⁶ de Castidade, donde o sol entra de pólo a pólo.

É engano meu, erro é, que Maria não me ofendeu, seria engano dos olhos pois já se me enfusca a vista do luzeiro, mais formoso, mas ai, que talvez será, porque os temores cegam da alma os olhos, sendo minha esposa, prima de meus olhos, filha de Joaquim e de Ana, daquele nobre tronco.

De David descendente, ela de castidade fez voto entre todos o mais puro e perfeito, mentem, mentem, que Maria é mais pura que os céus.

Mas, que vejo céus! Eu se reparo já estou certo, e mais que certo estar. Aqui há mistério; porém se está prenha que mistério pode haver. Todos dirão que o filho é meu, eu nunca a conheci.

Céus que aflição tão cruel, Deus divino *consulai-me*, para eu dar parte às justiça e acusá-la em adultério fica em *deshonrra* e *despreso* meu, eu para a deixar parir em casa, não sendo o filho meu, não posso tal consentir.

Divino Deus de *Esrael*, inspirai-me algum auxílio, no que devo de obrar sem que fique ofendido. Porém, melhor acho ausentar-me e deixá-la. Mas ofendo sua *honrra* e fama, e então antes eu seja ofendido, melhor me é passar a terras estranhas e desterrado viver, do que entre os amigos com desdouro e vergonha. Ai que dor! Que será desta menina sem amparo nem favor, vendo-se entregue à tragadora roda da fortuna que consoma sua *honrra* e fama. Mas não há remédio! Deixá-la, sim ausentar me quero. Deus

¹⁵ Trata-se de uma forma cujo sentido desconheço. De referir que ela se encontra, também assim grafada, na edição do Padre Firmino Martins.

¹⁶ Palavra que significa trono, cujo registo denuncia, tal como outras (desdouro, etc.) que o texto foi originalmente escrito por um letrado e conhecedor profundo não só da língua portuguesa como também dos textos bíblicos.

poderoso¹⁷, *consolai* a este velho cansado de aflições e consumido. Valha-me os céus que desmaiado me parece um doce sono me convida para viver se entregue ao sono algum alívio ou alcance das minhas penas.

Dorme José.

ANJO

Recorda José recorda
Pois és ilustre varão
Torna para tua esposa
Tira-te desta aflição.

Sim é certo estar prenha
Não foi obra de varão
Mas sim do divino Espírito Santo
Por divina *onião*.

Tua esposa é aquela
De quem fala Isaías
Donde há-de vir ao mundo
O verdadeiro Messias.

JOSÉ

Ó doce mensageiro
Não me deixes nem suspendas
Ó doce da embaixada
Foi-se, foi-se.

Há fortuna como a minha
Há maior felicidade
De quantas no mundo nota
Não há outra na verdade.

De que ter *tam* casta esposa
Do jardim a melhor flor
Ajudai-me anjos do céu
A louvar o criador.

Volto para minha esposa
Vou-lhe pedir perdão
Daquela falsa suspeita
Que entrou no meu coração.

Mas que digo agora
Como poderei chegar
Perante seus divinos olhos
Depois de a ultrajar.

¹⁷ Na nossa versão lê-se “poderoso”.

Ultragei sua virtude
Sua pura castidade
Sendo uma fina pérola
Símbolo da virgindade.

Mas não posso escusar-me
A seus pés vou render-me
Vou-lhe pedir perdão
Pois mo há-de conceder.

Formosa luz de meus olhos
Norte da minha velhice
Consolo de minhas penas
Perdoai minha doidice.

Perdoai minha senhora
Minhas atrevidas suspeitas
Com que vos agravei
Nas palavras imperfeitas.

Pois mistérios tão altivos
Não poderia alcançar
Aqui estou para servir-vos
Como escravo leal.

Perdoai senhora minha
Que são cousas de velhice
Pois considero senhora
Que fiz grande parvoíce.

MARIA
Amado esposo meu
Muito bem reconhecia
O horroroso tormento
Quanto vos afligia.

Mas não era permitido
O poder-vos revelar
Mistérios tão altivos
Haveis de me perdoar.

JOSÉ
Alegre-se todo o mundo
Ajudai-me a louvar
Aves, montes e plantas
E peixes do mar.

A louvar tão grande dita
Como o céu me favorece
Ó que ditosa fortuna
Para quem a não merece.

Recolhem-se e dirá o pregoeiro:

PREGOEIRO

Vão todos a Belém pagar o tributo a César.

Sairá logo José com quem anda passeando e voltando-se para a senhora lhe diz o que ouviu ao pregoeiro.

JOSÉ

Ó clara luz de meus olhos, agora que queria empregar-me gozoso em te servir, a diversa fortuna me estorva os meus sinceros desejos, pois se deu pregão senhora em toda essa cidade para ir a Belém, a César o tributo pagar, o que se não pode escusar de eu esta jornada dar. Mas quanto sinto, amante senhora, o ver-vos tão chegada ao posto e não poder-vos servir-vos como pedia a minha sincera vontade, mas não se pode escusar de eu esta jornada dar. O senhor será convosco, licença me concedei para jornada fazer.
Ó que penas!

MARIA

Uma graça vos quero pedir
Que me haveis de conceder
Levar-me em vossa companhia
Isso vos convém fazer.

JOSÉ

Como podereis senhora
Aturar esta jornada
Trinta léguas de comprida¹⁸
E tão áspera estrada.

MARIA

Quero-vos acompanhar
Porque indo ao vosso lado
Os tormentos me dão alívio
As penas nenhum cuidado.

JOSÉ

¹⁸ A distância entre Nazaré e Belém é de, aproximadamente, 150 quilómetros, o que corresponde, de facto, às trinta léguas aqui referidas.

Vamos meu sol rutilante
Já se esforça meu peito
Já se *mitigam*¹⁹
As penas que eu aceito.

Ó que dor sente minha alma
O ver-vos peregrinar
Vamos prenda rica
Para Belém marchar.

MARIA
Esforcemos nossos passos
Tudo quanto poder ser
Para buscarmos pousada
Antes de anoitecer.

Que a noite está chegada
E o grande rigor do frio
Deus nos dê para pousada
Onde tenhamos abrigo.

JOSÉ
Alegrai-vos prenda minha
Que já sinto um rumor
Julgo cedo acharemos
Quem nos faça o favor.

Se acaso me não engano
Pois não é minha vontade
Eu já descubro uns muros
Parecem duma cidade.

MARIA
Deus nos *conssole* esposo
Com seu divino favor
Pois do frio se não pode
Soportar nem um rigor.

JOSÉ
Já, minha senhora, estamos
Na cidade sem perigo
Esperai enquanto busco
Quem nos dê algum abrigo

Chama

Oilá! Oilá!
Seja Deus aqui.

JORGE
Oilá, oilá, quem esta aí
Já havia muito tempo
Que estava descansando
Diga de lá o que *quere*
Se não vá caminhando.

JOSÉ
Amigo de minha alma
Sou José, vosso parente
Que cheio de muito frio
Venho feito penitente.

Venho eu e minha esposa
Em que vossa casa esperamos
Esta noite algum abrigo
Pois é o que desejamos.

JORGE
Está um forte parentesco
Ainda não buscaste má traça
Pois parentes como esses
Não entram em minha casa.

JOSÉ
Valha-me os céus que frio
Vamos senhora adiante
Aguardai que aqui está
A casa de um viandante.

Chamarei a ver se temos
Fortuna mais melhorada
Pois a gente desta casa
Sempre foi muito honrada.

Chama

Oilá! oilá!
Deus lhe dê a sua glória.

JACÓ
Que gritarias são estas
Que temos aqui a esta hora.

JOSÉ
Amigo, peço-te que obres
Comigo de caridade
Vimos eu e minha esposa
Com grande necessidade.

Peço-te que nos recolhas

¹⁹ Por “mitigam”? Na edição publicada por Azinhal Abelho lê-se: “Já se mitigam nele”.

Não te queremos nada
Vimos cosidos com frio
Por quem sois dai-nos pousada.

JACÓ
Se fosses bem procedido
E tua mulher *honrrada*
Assim que entrastes na cidade
Havíeis de achar pousada.

Muitos, muitos *abrejeirões*²⁰
Me têm hoje amofinado
Fora lá ó brejeirão
Não sejas tão confiado.

Zolem, Zolem, brejeirões
Zole, zole, canalha
Que a marotos como esses
Não lhe quero dar pousada.

JOSÉ
Senhor, não te *enforeças*
Porta-te com paciência
Que a Deus me dará remédio
Pela sua clemência.

Ó céus, ó céus acudi-me
Ó Deus de suma bondade
Movei esta gente crua
Que tenha mais piedade.

Não vos aflijais senhora
Com gente tão arrenegada
Vamos aqui adiante
Que lá nos darão pousada

Que lá tenho um amigalhão
Que em tempo regalei
Amigo sem ter falença
Não sei se o acharei.

Sua boa condição
Por certo me faz crer
Que tanto que nos ouviu
Que nos virá recolher.

Chama

Oila! Oilá! Ó senhores!

LUCAS
Quem são esses batedores?

JOSÉ
É o vosso amigalhão
Carpinteiro José
Bem me podes conhecer
Do tempo de Nazaré.

LUCAS
Ai, ai, ai, que gostos estes
A tais horas, és dos comilões
Que das dúzias andavam em Nazaré.

JOSÉ
Já com o rigor do frio
Não posso explicar na verdade
A miséria em que vivemos
Tende de nós piedade.

Vimos eu e minha esposa
Cosidinhos com frio
Corremos toda a cidade
Sem acharmos um só abrigo.

LUCAS
Vai-te escapando maroto
Antes que a mais passemos
Outra casta de gente
Já cá a recolhemos.

Não os hei-de lançar fora
Que são homens verdadeiros
Para recolher pobretões
Fora, fora caloteiros.

JOSÉ
Ora senhor já por mim
Não vos importunava
Porem por minha esposa
Que vem *quasi* trespassada.

Com grande rigor do frio
Quasi para parir
Como ficará na rua
Haveis de lhe acudir.

Por quem sois dai-nos uma loja
Tende de nós compaixão
Lá estaremos com as bestas

²⁰ Na versão do Padre Firmino Martins lê-se “brejerões” e na de Azinhal Abelho “mandriões”.

Tirai-nos desta aflição.

LUCAS

Eu dos dias em que me lembro
Com outra tal ciganada
Não me vi tão perseguido
A pedirem-me pousada.

Eu se não fora de noite
E armar alvoroço
Ia pôr-vos em esterco
E cortar-vos o pescoço.

Ide para fora dos muros
Depressa não devagar
Que lá achareis uma cova
Aonde podereis ficar.

E se não dormi na rua
Fora, fora canalhada
Que a marotos como esses
Não lhe quero dar pousada.

JOSÉ

Deus eterno, *piadoso*²¹
Eterno por união
Dai-nos, Senhor, um consolo
Tirai-nos desta aflição.

Vamos luz de meus olhos
Vamos que aqui está
A cova, entremos nela
Que Deus nos acudirá.

MARIA

Vamos, não aflijais
Que tudo isto será
Mistério do senhor
Cujo nos acudira

Entram no presépio nasce o menino com luzes e diz:

MARIA

Perdoai o agasalho
Sacro Deus omnipotente
Que prostrada a vossos pés
Vos adoro reverente.

Ó se eu tivera tudo

Quanto no mundo havia
Tudo sem ficar nada
Era o que vos oferecia.

José de joelhos:

Verbo divino, doce infante
Amor divino, divino amante
Amor de minha alma
Aqui está rendido
José, vosso escravo
Pai putativo.

Que nada tem que vos possa dar
Só o coração se vos agradar;

Desejara ter eu todos os regalos
Do mundo todo para tributar-vos.

Só sim vos farei para encostar-vos
Um berço novo se vos agradar

E se não ficardes com ele satisfeito
Perdoai senhor
Todo meu defeito.

*Vai o Anjo ás montanhas onde os pastores estão
dormindo e só um acordado, é Justo*²².

ANJO

Alvíceras ó pastores
Vos venho anunciar
Que nasceu o rei da glória
Que o mundo há-de salvar.

Recordai se estais dormindo
Desse sono ocupado
Que vos venho dar por novas
Que Jesus Cristo é nado.

Despovoi as cabanas
Ponde os gados em guarda
Vinde ver o Deus Menino
Filho da virgem sagrada.

Pois nesta noite nasceu

²² Como se pode constatar pela edição digitalizada, esta anotação foi acrescentada, manualmente, pelo Dr. Mourinho. Na versão publicada pelo Padre Firmino Martins diz-se que entram os quatro pastores.

²¹ Cf. mirandês “piadade” e também “piadoso”.

O destruidor do pecado
Em Belém o achareis
Numas palhinhas deitado.

JUSTO
Ó Roque, Felíneo e Lucas
Vós não quereis acordar
Não ouvistes uma voz
Que me fez atormentar.

ROQUE
Ora deixa-me dormir
Não me estejas a asnear
A culpa foi da *burracha*²³
Que me fez *estoutibear*²⁴.

FELÍNIO
Não digas isso meu Roque
Que eu estava dormindo
Acordei a uma voz
Que o mundo era remido.

LUCAS
Não que Roque é muito asno
Eu ouvi com atenção
Uma voz muito suave
Dentro do meu coração.

JUSTO
Eu mal cheguei a ver
Uma voz muito suave
Metida em uma luz
Que me chega na verdade.

ROQUE
Eu disse nada ouvi
Que dormia muito bem
Mas sonhei que entrara
Um grande rei em Belém.

FELÍNIO
Em Belém percebi eu
E também em Isaías
Que falava aquela voz

Na vinda do rei Messias.

LUCAS
Meus companheiros leais
Nada podeis duvidar
O ser certo já nasceu
Quem o mundo há-de salvar.

JUSTO
Amigos sem dilatarmos
Vamos a ver o que convém
Chegou o nosso resgate
Vamo-lo ver a Belém.

FELÍNIO
Não é jogo de rapazes
Isso tem mais que dizer
Nós havemos de ir todos
E levarmos que comer.

LUCAS
Tomai maduro conselho
No que devemos obrar
Este menino é rei
Como ele não há que brincar.

JUSTO
Cuide cada um de nós
O que havemos de levar
Que só das nossas visitas
Pouco se lhe pode dar.

ROQUE
Vamos pôr-nos a caminho
Como assim nos convém
Se virmos que ele precisa
Comprar-se -á em Belém.

FELÍNIO
Eu também amigo Roque
Sou do mesmo parecer
Que levemos pão e carne
E vinho para beber.

LUCAS
Vamos lá ó companheiros
Com fervorosa atenção
Oferecer-lhe nossas almas
Vida e coração.

²³ Referência ao recipiente ou pequeno odre, geralmente de couro, embora muitas vezes com o interior em borracha, onde se guarda o vinho e também conhecido por “bota”.

²⁴ Esta forma é idêntica à que nos aparece na versão do Padre Firmino Martins, na qual se lê “estoutebiar”, enquanto que em Azinhal Abelho se lê “estontear”.

JUSTO
Dizei-me que pode isto ser
Que estou louco de contente
Que uma singular alegria
Nos mova assim de repente.

ROQUE
Vejo assombro²⁵ causante
Não sei que caso é este
Parece que vem baixando
Toda a esfera celeste.

FELÍNIO
Meus amados companheiros
A noite parece dia
Parece que estão saltando
As estrelas com alegria.

Aqui cantam Glória

LUCAS
Ora vede e escutai
Parece coisas no céu
Parece que estão cantando
Gloria in excelsis Deo.

Tens dúvida, tu não vês
A lapinha²⁶ ao redor
Toda cercada de anjos
Viste coisa de mais primor.

ROQUE
Vamos lá amigos meus
A ver a sua presença
Cada um de nós
Lhe pedira sua sentença²⁷.

FELÍNIO
Não poderemos falar-lhe
Sem petição bem notada

²⁵ Em Azinhal Abelho lê-se “a sombra”.

²⁶ Segundo a tradição, bem presente neste onde é referida a “cova”, a Sagrada Família ter-se-á recolhido numa caverna ou lapa e foi que nasceu o Menino Jesus. Diz Câmara Cascudo, no seu *Dicionário do folclore brasileiro* que, no Nordeste do Brasil a lapinha é também a denominação popular do pastoril, com a diferença de que era representada a série de pequeninos autos, diante do presépio, sem interferência de cenas alheias ao devocionário.

²⁷ Nas outras duas versões que vimos confrontando a forma que aparece é “tença”.

Que é rei dos céus e de terra
E nós outros não somos nada.

LUCAS
Não podeis ter que temer
Providência há-de dar-nos
Senão não vinha o anjo
Da sua parte avisar-nos.

JUSTO
Meu menino, vós cá
Deixais por *trevolas* a luz
E quanto bem no céu há²⁸.

ROQUE
Isso bem mostrado está
Ser *finesa* superior
Vós deitado nessas palhas
Por livrar os pecadores.

FELÍNIO
Pois se assim o quereis
Faça -se a sua vontade
E daquilo que sabeis
Peço que tenhais piedade.

LUCAS
Com viva fé e pura dor
Fazei que sejam chorados
E por vosso amor se faça
Meu coração em pedaços.

Eu também peço, Senhor
Que me sejam perdoados
Por vosso santo amor
Os meus *inormes* pecados.

Oferece.

JUSTO
Meu menino, meu amor
Tremo por nada trazer
Pelo que trago ser pouco
Para a um rei oferecer.

²⁸ Esta estrofe é idêntica à publicada pelo Padre Firmino Martins. Na versão de Azinhal Abelho encontramos mais um verso que nos ajuda a compreender o sentido: “Ó meu Deus, ó meu Senhor / Meu menino, vós por cá? / *Deixasteis* por treva a luz / Tudo quanto no céu há!”.

Estes figuinhos e passas
Mais nada me acompanha
Para os colher à unha
Vali-me de minha manha.

Ficai-vos meu bem nascido
Amor do meu coração
Não vos esqueçais na morte
De me dar a salvação.

ROQUE

Ó meu amante soberano
Sendo vós tão delicado
Sofreis estar nestas palhas
Por nos livrar do pecado.

Eu sou o pastor mais pobre
Não tenho que ir comendo
Dai-me nesta vida pão
E a salvação em morrendo.

Como vos vejo mui pobre
Bem sei que sou confiado
Aceitai este trigoinho
Que ainda ontem foi comprado.

ROQUE

Adeus meu verbo divino
Ficai-vos meu redentor
Favorecei minha alma
Por vosso santo amor.

FELÍNIO

Quem vos pôs nessa miséria
Meu menino, meu amor
Bem sei que foram meus pecados
Ricos olhos, bela flor.

Mas se assim era preciso
Para eu ser resgatado
Grande vergonha é ver-vos
Nessas palhinhas deitado.

Ó quem tivera *riquezas*
Para vos oferecer
Pois vós senhor tudo dais
Sem eu nada merecer

Aqui estão estes figuinhos
Aceitai que é coisa boa
Crede que nem estes tinha

Que mos deu uma pastora.

Mas eu quero-vos pedir
Que os aceiteis senhor
Como dádiva de pobre
Que é mostra de amor.

LUCAS

Vós bem sabeis senhor
Que só venho por vos ver
Que dádivas não tenho
Que vos possa oferecer.

Bem sabeis e conheceis
Aquele pobre pastor Lucas
Se o meu gado não pelar
Dar-vos-ei lã para umas luvas²⁹.

Eles *vêm-se-vos* cá pintar
Que os façais riquinhos
Mas vós que os conheceis
Mandai-os aos ninhos.

Como na vossa mão está
O dar-me a salvação
Cuja tenho por certo
Amor do meu coração.

*Mais quatro pastores que são: Leandro,
Dionísio, Pepa e Rufa*³⁰

LEANDRO

Vaia, ricos companheiros
Onde vos guia el destino?

DIONÍSIO

Nos lleva a Belém
Visitar o menino.

PEPA

Que fulguedo, que festeis,
Querida Rufa, tu no ois?

RUFA

Ai Pepa mira que *luses*

²⁹ Em Azinhal Abelho lê-se “peúcas” aparecendo também outra quadra, a seguir a esta, que não consta na versão do Padre Firmino.

³⁰ As intervenções destes pastores são (ou pretendem ser) em castelhano. De referir que, em Azinhal Abelho, este quadro é apresentando como a Segunda Pastorada.

Que rabeo de contente
E tu non *duces*?

LEANDRO
Valga-me los cielos santos
Que hormonesura³¹ que ciega los campos.

DIONÍSIO
Me recontenta reverenta
Por ver a rica menina
Que governa a orienta³².

PEPA
Rufa apressa los passos
Vamos ver lo rico Dios
Que ai venido a el mundo
Para redencion de nos.

RUFA
Quem lhegara a poner-lhe los ojos
Quem los ponera?

LEANDRO
Los ponere ió e mios companheros
Mirando-se biem
Com ojos linderos

DIONÍSIO
Ó Redivino Jazu
Repara para mi.

PEPA
Gassus de anima mia
Qui io te via solamente
Para servirte seño [Señor]
Mi Dios omnipotente.

RUFA
Caminemos, companheros
Com pracer e alegria
Vissetar aquel tessoro
Que se ofrece neste dia.

LIANDRO
Ai dicha que alegria
Vai nel mundo companheros
Vamos ver-lo a pressa

Que nos somos los primeros.

Cantam Gloria e diz Dionísio:

Amo-vo divino jasu
Tam esporvetinho
Nas palhinhas nu.

PEPA
Escuta lo que diz Ionisio del cielo
Que los anjos estam cantando
Gloria in excelsis deo.

RUFA
Mira Pepa que me assombro
Que una luz mi ciega
Que so puedo caminar
Com la luz de tanta fiesta.

LIANDRO
Amante mio señor
Como estais desnudau
Era corachinhas temblando
Pobre ninho maltratau.

Si es falta de dinero
En el mi faltriquero³³ trago
Para voas ofrecer ninho
Três quartos um cruzado.

DIONÍSIO
Io me curo de verguença
De vos ver tam desnudido
Em corachinhas temblando
Por tam rigoroso frio.

PEPA
Isto son pecados mios
No puedo sofrer sim darvos
Unos pobres panalicos
Mi Dios para embrulhar-vos.

³¹ Por “hermosura”.

³² Transcrevemos a versão de Azinhal Abelho: “Mi ir contenta e reverenta / Para ver o rei Menino / Que governa no Oriente”.

³³ Bolsa que as mulheres levavam no interior do vestido. A forma que nos aparece registada por J. Corominas e J. A. Pascual é *faltriquera*, derivada de *faldiva*, ou seja, a bolsa que as mulheres atavam à cintura debaixo da *falda*. Em todas as formas que, segundo os mesmos autores, sobrevivem em diferentes línguas, encontramos igualmente o feminino. Na nossa versão, a mudança de género pode ficar a dever-se à simples necessidade de rima.

RUFA

Dios divino dios soberano
Como puede isto ser
Baixar lá dos impirios
E tam pobre vir nascer.

Nada tengo que darvos
Se não esta sabanilha
Para embolver el niño
Que es dios da alma mia.

Io vos pido señora
Que me deis buena fada
Quando no siea mejor
Ao menos de cassada.

LIANDRO

De vos no quiero mas nada
Se no salute e vida buena
Depois a salvacion
É o que mi alma espera.

Si tambiem gostais de cigarro
De conta venira
Que em mi casa lo á
E mi ermano lo trará.

*Mais dois pastores, que são Felício com o arado e
Fausto com a espingarda.*

FELÍCIO

Eu pasmado de contente
Morro louco certamente
Com esta névoa de sono
Que me tornou a pegar
Foram-se os outros embora
Onde os irei apanhar.

FAUSTO

Escuta la ó *bucatela*³⁴
Que tens amigo Felício?
Vais com o arado às costas
Parece um caso de riso.

FELÍCIO

Em riso não fales tu
Meu amigo camarada
Grande gosto foi meu
Encontrar-te nesta estrada.

FAUSTO

Por grande que o teu fosse
O meu ainda foi maior
O eu não saber o caminho
Isso ainda era pior.

FELÍCIO

Também eu ouvi uma voz
Que me fez atormentar
Nem ao menos lugar tive
De o arado ir pousar.

FAUSTO

Esse caso foi o meu
Eu bem creio o que tu dizes
Porque andando eu a caça
Me esqueceram as perdizes.

FELÍCIO

Andando eu a lavar
Ouvi uma voz não sei de quem
Que nascera à meia noite
Um grande rei em Belém.

E com o grande gosto que tive
Jamais me não pude ter
Ainda não pousei o arado
Nem o pouso até ver.

FAUSTO

Se não me engano já vejo
O sítio onde está
Pois luz que tanto ilustre
Ainda não veio por cá.

Cantam Gloria.

FELÍCIO

Dizes bem, ora repara
Parecem coisas no céu
Que lá estão cantando
Gloria in excelsis Deo.

Ó precioso tesouro
Nesta terra humilhado
Preciso foi assim para nós
Livrar do pecado.

Muito sinto meu menino
Meu amo de minha alma

³⁴ Certamente por “bagatela”, ou seja, coisa pouca ou de pouco valor.

O ver-vos aqui tão nu
Nem que fosse lá na calma.

FELÍCIO

Eu vejo que só precisais
Que eu chore os meus pecados
Dai-me boa contrição
Para que sejam bem chorados.

FAUSTO

Eu também da mesma sorte
Nada tinha que vos dar
Só se for uma perdiz
Mas ainda a hei-de ir caçar.

Ficai-vos meu bem nascido
Meu menino, meu amor
Lembrai-vis no vosso reino
Deste grande pecador.

*Mais quatro pastores que são: Lourenço,
Fagundo, com seus zagais Galego e Muleque,
avisados pelo anjo que diz:*

Eu venho segunda vez
Por estes montes distantes
Acordar os pastores
Para que vivam *vegilantes*.

Pastores dessas montanhas
Nesse sono ocupado
Vinde ver o Deus Menino
E deixai os vossos gados.

Alhísseras venho pedir-vos
Ouvi-me muito atento
Que já nasceu o Messias
Do mundo o maior portento.

GALEGO

Gassus que no estou oindo
Muleque lhama tu sior.

MULEQUE

Que carisso andar no robo
Ou chamar mi seor para a ceia³⁵.

GALEGO

No te acordas se no de la comida
Ai aquel Corbim del cielo
Mira como está belo
Muleque lhama tu sio.

MULEQUE

Sior aia el mulequito blanco
Cor um corbim com su fairo

Acorda Lourenço e diz:

Ai, ai que Muleque chama
Lá vai embora meu gado
Hei-de pingar o Muleque
Se não o achar no bardo.

Fagundo meu companheiro
Acorda já de repente
Vamos dar volta ao gado
Não venha o lobo da gente.

Acorda Fagundo e diz:

Mal haja quem me acordou
Que estava bem sossegado
Dormindo estava sonhando
Com o cordeiro sagrado.

GALEGO

Ai que confusão esta
Portentos *tam* misteriosos
Verem-se nestas montanha
Anjos tão deliciosos.

ANJO

Não te admires pastor
Da parte de Deus te digo
Que esta noite veio ao mundo
O Messias prometido.

O mesmo que as *professias*
Dizem, havia de nascer
Descendente de David
Da casa de *Esrael*.

E com este desengano
Ide todos com alegria
Dando louvores a Deus
E mais à Virgem Maria.

³⁵ “Que ser isso? Andar os lobos nas ovelhas? / Vou chamar mi amo para a ceia”. Lê-se na versão de Azinhal Abelho.

FAGUNDO

Louvado sejais meu Deus
Alegrai-vos companheiros
Que já veio ao mundo
O príncipe dos cordeiros.

Não sei como Deus se lembra
De nós uns pobres pastores,
Em nos avisar primeiro
Do que lá esses senhores.

LOURENÇO

Eu nos meus livros achei
Um texto que dizia
Revelastes capa Celis
Isso já eu o sabia.

Deus podera procurar
Reis e imperadores
Mas para nos *homilhar*
Não procurou *pondenores*³⁶.

Procurou os pobres pastores
Nestes montes vigilantes
E por isso mais amantes
Pastores erant vigilantes.

GALEGO

Sior mi amo
Que cordeiro ai nascido
Vamos le dar algo
Que há-de estar moerto com frio.

Io levo-lhe um quexinho
Dentro de mi montera
Este no me lo quite algum
Que lo mande vir da feria.

MULEQUE

Levar nada ó espretio
Que sos um negro mui pobre
Em casa de mi sior
Matar um escravo com fome.

Mi levar um esmigação
De goma d'escorimá
Se mi sio da licença
Que Muleque tambien vá.

³⁶ Na versão de Azinhal Abelho os dois últimos versos desta quadra são os seguintes: “Mas, para se humilhar / Não procurou pundonores”.

FAGUNDO

Azagais deixemos isso
Preparai os instrumentos
Vamos cantando louvores
Em *honrra* destes portentos.

Temperam os instrumentos e cantam. Cantam os dois pastores e repetem os moços a cantiga.
(*Cantiga*)

Deamos louvores a Deus nas alturas
Que nos trou-se a paz para as criaturas.

Repetem os moços.

Deamos alabanças³⁷.

LOURENÇO

Que luzes que resplendores
Estão nos portais de Belém
Ó quem me dera já lá
Para ver tão grande bem.

Já me não lembra meu gado
Nem quantos cordeiros tenho
Só quisera ver Belém
Esse era o meu *impenho*.

Fagundo, que te parece
Estaremos muito distantes.

FAGUNDO

Vejo vir uma estrela
Das partes do Oriente
Que nos vai encaminhando
A Jesus omnipotente.

Pois que ainda que é *insencível*,
Procura o seu criador
E nos vai encaminhando
Louvado seja o Senhor.

Eu entendo que serão
Seis léguas de longitude
Vamos lá a toda a pressa
Para que Deus nos ajude.

Muleque para Galego diz aquilo ó sior.

³⁷ Cf. castellano “alabanza” (elogio).

GALEGO

Siñores Muleque diz que tem
Algo de ambre dentro de su barriga
Io no estará mui farto
No sei no que se lo diga.

LOURENÇO

Eu não lhe dei ontem à noite
De comer até fartar
A vista de tanta gente
Me queres *emvergunhar*.

Eu ainda que sou pastor
Tenho mui boas passagens,
Como em taças de barro
Deito-me pelas lages.

GALEGO

Mira, Muleque, mi amo
Que plantas tem votado
Diz que come em su chupana
Em taças de barro.

Boto a Deus Galego,
Que nunca lhe tengo visto
Sino el caco del perro
As toagas donde come
Son dela pel del arres
E a comida de uma vez
Fai ma chegar para tres.

MULEQUE

Mi sior car bim fartaro
Assim fuera su espertio
Tam bem eu car bem fartaro
Mas car do fome e frio.

Mio sior o que dar a mi
Car o soro requemado
Andar bem fartaro com el
P'ra guardar bem o ganaro.

FACUNDO

Amigos, companheiros, não me
Parece mal feito
Que bebamos uma pinga
Para *alegrar-mos* o peito.

LOURENÇO

Aqui está minha borracha

Que dará do que tiver,
Quero-me tratar bem
Já que não tenho mulher.

(Bebem e comem)

FAGUNDO

Ora, graças ao Senhor
Que estão os azagais contentes
Com esta pinga de vinho
Não lhe hão-de tremer os dentes.

Cantam glória.

FACUNDO

Vamos cantando os louvores
E dando graças aos céus
Que também os anjos cantam
Glória in excelsis deo!

LOURENÇO

Bendito sejas meu Deus
Nessas palhinhas deitado
Sois pão em terra nascido
Em terra virgem criado.

Eu sou um pobre pastor
Mas dou graças aos céus
Que vejo que aos pastores
Também apareceu Deus.

Nasceis pastor para nós,
Nós somos ovelhas vossas,
Prometi não se desgarrem
As almas que já são vossas.

Prometi, meu Deus divino,
A este pobre pastor,
Que não perigue meu gado
Enquanto aqui estiver Senhor.

Que os lobos por esta terra
Andam de vários modos,
Nossa Senhora nos livre
De tanta casta de lobos.

É exemplo singular
Nascêreis tão pobrememente
Em pobres panos *embolto*
Sendo vós omnipotente.

Eu queria oferecer-vos
De *beneses* pastoris,
Eu não pude pilhar mais
Trago-vos esta perdiz.

Tende bem conta nela
Não a pilhe algum falcão,
Que depois das aves presas,
Qualquer lhe deita a mão.

Perdoai o curto dado,
Que sou um pobre pastor,
Se quiserdes mais de mim
Fazei-me bom caçador.

O que vos quero pedir
Ó meu menino sagrado,
Graça para a minha alma
Aumento para meu gado.

E se for conveniente
E de mim tiverdes dor,
Deparai-me uma consorte
E que tal para um pastor.

Ou seja rica ou pobre,
Tenha boa condição,
Que não tenha sido ama
De algum escrivão.

FACUNDO
Ó Belém, ó mais ingrato,
Que o Sol com seus raios doura
Quando cuidastes de ver
O Sol numa *mangedoura*.

Ó Sol sobre natural,
Que *alumeia* a todo o mundo,
Dá calor os corações
E ao pecado dá fundo.

Arde sem se ver arder
Em amor dos pecadores,
E com tanta humildade
Faz caso dos pastores.

Atentos, meus companheiros,
Que os pastores são *honrrados*,
Pois Deus faz caso deles
Que importa lá os morgados.

Esses todos passam bem
No mundo em que estão,
Mas os gostos desta vida
São riscos de salvação.

Eu viver por esses matos
Ameaçado das feras,
Com os olhos vejo as estrelas
Com os pés piso as pedras.

Nesses montes solitários
Onde a fortuna me tem,
Olho de uma parte a outra
Por acaso vejo alguém.

Estando nesta solidão,
Fui de um anjo avisado
Que já viera ao mundo
Remédio para meu pecado.

Ó que dita têm os homens
E que mal correspondida,
Ter remédio para suas queixas
Da mesma parte ofendida.

Eu não sei com que vos pague
Fineza tão *revelante*,
Ofereço-vos a minha alma
E um coração amante.

Também como vos vejo
Com tão grande desamparo,
Quero-vos dar um cordeiro
Que é o melhor do meu gado.

Estimarei que esteja gordo
Eu lá lhe apalpei o rabo,
Se as costas me não enganam
Ele não há-de estar mui magro.

O que vos quero pedir
Em paga deste cordeiro,
Que me leveis para o céu,
Que o mundo é cativoiro.

Eu ando por esses montes
Sabe Deus que frio eu rapo,
Quando tenho uma camisa
Já da outra não há farrapo.

Assim para que eu quero,

Nem ovelhas nem cordeiros,
Adeus que eu vou para o céu
Eu e os meus companheiros.

GALEGO

Io soi moço de otro moço,
Que me lhaman azagal,
No me dan de otra comida
Si non de la que sabe mal.

He desgracia de quem sirvi
Que non puede ter acciones,
Tudo quanto gana
No lhe llega para calções.

Si io viera de mi tierra,
Velas bicas lhe traria,
Para dar a S. Jossé
E mais a Virgem Maria.

Mas lo que tenia
Es algo de mia quexera
Trago-vos um quexinho
Dentro de mi montera.

Aqui lo tendes senhor,
Perdonai la mi locura,
Tende bem conta nel
No lo quite el senhor cura.

Io queriavos pedir
Que me haveis de perdonar,
Que queria ter mujer
Da casta de Portugal.

Que Portugal es hermosso,
Lo mejor quer lo para si,
Se algo no Io quiere
Quiero lo io para mi.

Ainda que soi pobrecito,
Quiero honrra virginal,
Do que topam los galegos
Que cassam en Portugal.

Assim quedai vos embora,
Gassus, Maria e Jossé,
Dai me vos lo que quisierdes
Pois la gana buena es.

MULEQUE

Doce niño de mis ojos,
Amante de mi osinia,
Anti nia de mi alma
Ante alma de mi vida.

Que ainda de ser negro,
Mi corazon ser blanco,
Quando falar em Jazú
Logo me alegre tanto.

Cativo no sior,
Non dar nara que non ter,
Io trago um imigaço
Para o nino comer.

Entrada dos Reis.

HERODES

Que horrorosa pena
E infernal aflição
É esta que aflige, queima,
Abrasa meu coração.

Ai de mim que me vejo
Abrasado e ardido
Em um fogo *labaras*
Que me leva consumido.

Ai de mim que vejo
Todos os elementos irados,
Esse novo luzeiro
A levar-me os meus reinados.

Pois esse novo luzeiro
Que hoje parece no mundo
Faz-me desconfiar bem
Não me queira tirar tudo.

Pois no mundo nunca vi este
Ou outro semelhante
Pois para a parte do orbe
Deita claridade bastante.

Ai de mim, será já
Cumprida a *professia*
Daquele audaz Messias
Que ao mundo prometia.

Um valoroso capitão
Que a *Esrael* governará

Chamado ele o Messias
E em Belém nascerá.

Olá, olá se acaso
Sendo eu rei esforçado
Entrara em meus domínios
Quem me tire os meus reinados.

Pasmado, vivo confuso,
Morro, em meu peito ardo,
Em chamas vivas de fogo
Antes que a vida acabe.

Esses sábios letrados
Com quem tenho consultado,
Me afirmam que é tempo
Do Messias ter chegado.

Contra meu forte braço
Quem será o atrevido,
Sem temer que o abata
Ou o deixe destruído.

Quem seria ou será
Que em meu sólio real,
Sem ser minha vontade
Se atreverá entrar.

Nada se pode opor
Para disto me tirar,
Vou já tomar vingança
Sem que me possam estorvar.

Pois sendo ele já nascido
Não se me pode escapar,
Para o que já determinei
Os meninos matar.

De dois anos para trás
Morraram todos já por lei
Só para me vingar daquele
Que se diz há-de ser Rei.

Entrada dos Rei e diz Belchior:

Quanto gostei encontrar-vos
Rei Gaspar neste caminho,
Para discernir convosco
Sinais de prodígio.

GASPAR
Esse era o meu desejo
Belchior, Rei invicto,
Pois também tais novidades
Me trazem sumo aflito.

Vós por aqui Rei *cameada*³⁸
Vosso pensamento onde levava,
Ó me jasu platino
Me descubla el segledo
Que faz o Messias
Guiar o estrelo.

GASPAR
Baltasar diz muito bem,
Que a estrela que nos guia
Mostra o tempo completo
Que segura a *professia*.

BELCHIOR
Já que os astros nos mostram
O caminho desta dita,
Não percamos a viagem,
Ó que Deus tal não permita.

Vamos Rei e camarada,
Ofereçamos ao Messias
Ouro, prata e mirra
De nossa monarquia.

HERODES
Que é isto? Ai de mim!
Que luminaria andante,
Pois os meus olhos nunca viram
Uma estrela tão brilhante.

Olá, que é isto agora,
Que nos vem acometendo
É alguma coisa de novo
Segundo o que vou vendo.

Suspendei os vossos passos
Não mudeis daí um pé
Sem primeiro me dizerdes
Cada um de vós quem é.

Pois com sacras diademas
Bem ornadas vossas frentes,
Sem que vos falem as púrpuras
Ricas e equivalentes.

³⁸ Por “Rei de Cameada”.

GASPAR

Sim te diremos quem somos
Se é da tua vontade,
Pois conhecemos em ti
Sinais de *magestade*.

Somos lá do Oriente
Três *podorosos* reis,
Vamos ver outro monarca
Que é rei de todos os reis.

Ansiosos o buscamos,
Para o adorar e ver,
Que nos dizem há poucos dias
A Belém fora nascer.

HERODES

Já poucos milhares vos restam
Mas quero-vos *preguntar*,
Quem vos deu licença
De no meu reino entrar.

BELCHIOR

Nós vimos do Oriente,
Por uma estrela guiados,
Visitar o rei dos reis
Destruidor dos pecados.

BALTASAR

Sim, sior Rei Belchior
Nós também ser régio
Bem *podorosos* e soberanos.

HERODES

Embaraçar-vos não pretendo
Nem *dispersuadir*
Vossos intentos sinceros
Que ides a discernir.

Mas eu, sim, me admiro
De a estrela se esconder
Aos meus e vossos olhos
Sem jamais a poder ver.

E por isso duvido bem
Deixeis de ser devorados
Desses bichos e feras
Que há nesse monte fechados

GASPAR

Enganas-te ó Soberano,
Lá fora do arvoredado
Nossa fiel companhia
Nos espera em segredo.

BELCHIOR

Como poderemos temer
Esses brutos e feras,
Se lá dos altos impérios
Nos vem favor contra elas.

HERODES

Proseguir vossa jornada
Pois esse é o meu empenho,
Eu vos ofereço meu reino
Tudo quanto nele tenho.

Vilas, cidades, aldeias,
Até verdes o menino,
De tudo sereis senhores
Pois esse é o meu desígnio.

E tanto que o acheis
Por aqui haveis de tornar,
Dizer-me aonde está
Para o ir adorar.

BALTASAR

Ficar certo meu amigo
Que em *notre pobreza*
Não há mais pequena falta.

Marcham para diante e diz Herodes:

Ai de mim que já mandei
A todos os meninos matar,
Ainda agora me afirmam
Que este me há-de escapar.

A quem todos os mais reis
Devem ter obediência
Vou-lhe tirar a vida
Sem a mais leve detença.

Vamos lá, ó meus vassallos,
Façamos esta partida,
Antes que seja maior
Vamos-lhe tirar a vida.

GASPAR

Que é isto, Belchior,
Não nos dê algum desmaio,
Já se nos vai escondendo
A estrela com seus raios.

BELCHIOR

Já isso me dá cuidado
E quasi me admira,
Pois de novo estou vendo
Coisas de mais alegria.

GASPAR

Na verdade que já vemos
O nosso bem desejado,
Vamos prostrar-nos por terra,
Com reverência adorá-lo.

BALTASAR

Vejo bem, meu *camiado*,
Vamos convocar no chão,
Adorar com ternura
Oflecer o curaxão.

Belchior de joelhos:

Aqui vos vem procurar
Ó meu Deus omnipotente,
Este indigno escravo
Que governa o oriente.

Sinto ver-vos tão *pobresinho*,
Em lugar tão *despresado*,
Bem conheço ser mistério
Por nos livrar do pecado.

BELCHIOR

Peço que aceiteis
Pois, Senhor, vós tudo dais,
O resto dos meus tesouros
Que é o rei dos metais.

Eu tudo vos quero dar
Mas quero em recompensa,
Depois de acabar a vida
Viver na vossa presença.

GASPAR

Vós que ao mundo descestes
Para remir pecadores,
Lembraí-vos de mim que venho

Receber vossos favores.

Sinto ver-vos pobrezinho,
Sendo vós Rei tão altivo
Bem sei que foi para resgate
Do vosso povo cativo.

Eu aqui a vossos pés
Ofereço meu coração,
Meu tesouro que é digno
Da maior estimação.

E se nisto não dou nada
Quanto tudo mereceis,
Vos peço me aceiteis
Uma acção *tam* limitada.

Para ir a vossa glória
Louvar-vos *iternamente*,
Ó minha Virgem Sagrada,
Ó meu Deus omnipotente.

BALTASAR

Vós aqui nas palhinhas,
Amor da minha vida,
Tam esporvetinha
Entre brutos metida.

Consinte que mui reverente
Um vago de mira ofereça,
Conserti em minha oferta
Por vossa suma belesa.

*Vão-se e vem Fernando, preto, moço do rei preto,
e diz:*

Para xempre, xempre,
Seja louvado o xanto menino,
O xanto José e a xanta mia.

ANJO

Ó Gaspar e Baltasar,
Belchior, meus amigos,
Que lá nesses Orientes tendes
Os vossos domínios.

Recordai do vosso sono
Ide-vos a retirar
Para os vossos países,
Antes de a Herodes tornar.

Pois como falso intenta,
Vosso reino destruir,
Ide visitá-lo
E sua bênção pedir.

GASPAR
Poderoso doutor menino,
Lançai-nos a vossa bênção,
A qual recebemos
Aqui na vossa presença.

Para jornada fazer
Assim foi determinado,
Segundo aviso
Por vós foi enviado.

BELCHIOR
Altíssimo Senhor Rei,
Engrandecido sejais,
Já que vos baixastes
Entre esses animais.

Eu bem desejo estar
E meus companheiros também
Aqui na vossa presença
Mas vejo que não convém.

Nós vimos todos privados
Em tal dita *soceder*
Cumpra-se a vossa vontade
Que a nossa não pode ser.

Permiti que vos *servamos*
Com fiel união,
E no fim da nossa vida
Dar-nos-eis a salvação.

*Aqui entra o Anjo dos embaixadores de joelhos
e diz diante do nascimento:*

Ó soberana imperatriz,
Dos altos Céus e da terra,
Pois sois do eterno pai
Uma prima primogénita.

Sois digníssima *mãe*
Desse *vervo* encarnado,
Que tendes em vossos braços
Digno de ser venerado.

Do divino Espírito Santo

Sois esposa graciosíssima,
Templo do firme Sacrário
De toda a Trindade Santíssima.

Sois Maria concebida
Desde o primeiro instante,
Sem mácula do pecado
Que estais no céu triunfante.

Bendita sejais para sempre
Para sempre sem fim amem,
Pois trouxestes hoje ao mundo
Aos homens o maior bem.

E vós salvador do mundo,
Que todo o mundo salvais,
Salvai o mundo perdido,
E vós bendito sejais.

Ó que portento tão alta,
Ó que admirável sentido,
Com o vosso nascimento
Ficou o mundo remido,

Com o vosso nascimento
Ficou o mundo resgatado,
Esta noite nos livrou
Da escravidão do pecado.

Ó pecadores do mundo
Não sabeis deste favor,
Que esta noite vos fez,
O divino redentor.

Levanta-se e diz para o povo:

Mundo que estavas perdido
Pelo pecado de Adão,
Que grande noite foi esta
Para tua redenção.

Alvíceras, pecadores,
Eu vo-las quero pedir,
Que Cristo baixou à terra
Só para o mundo remir.

Esta noite, pecadores,
Grande feliz foi o mundo,
Que Cristo baixou do céu
Para resgate de tudo.

Vinde todos com prazer
E grande contentamento
Adorar a virgem pura
E o Sagrado nascimento.

Aqui torna a ajoelhar e “princepia” o primeiro embaixador:

Abram-se as portas senhores
Desse portal encerrado,
Vamos ver o divino menino
Deus e homem humanado.

Ó céus que já fosteis
No sagrado nascimento,
Ensinai-me onde esteja
Tão admirável portento.

Pastores dessas montanhas
Aqui me vejo perdido,
Ensinai-me donde esteja
O menino Deus nascido.

As donzelas deste povo
Haverá uns oito dias,
Terminaram de saber
Da vinda do rei Messias.

Mas como ainda não sabiam
Onde havia de nascer,
Aquele bem tão desejado
Que por nós há-de morrer.

Determinaram o mandar-me
A mim por embaixador,
Que soubesse onde estava
O divino redentor.

Desejava de saber
Por onde havia de caminhar,
Para ver o rei da glória
Que o mundo há-de salvar.

Ó majestade soberana,
Dai-me luz nesta jornada,
Para chegar a Belém
Dar a minha embaixada.

Altos montes da Judeia,
Dai alívio à minha preste,
Dizei-me qual seja hoje

A causa de tanta festa.

Pára algum tanto e diz:

Só os ecos me respondem,
Sem dúvida estou perdido,
Pois não acho nestes montes
Quem me responda ao que digo.

Aqui responde o segundo:

Vinde cá, embaixador,
Vinde cá para diante,
Que também para Belém
Desejo ser viandante.

PRIMEIRO

Ó se eu tivera a fortuna
De achar um companheiro,
Que me levasse a ver
O Messias verdadeiro.

SEGUNDO

Eu a tanto não me *abriga*³⁹
Porém, vamos caminhando,
Que o caminho de Belém
Eu o irei procurando.

PRIMEIRO

Bendito seiais, meu Deus,
Louvores vos quero dar,
Por achar um companheiro
Que me viesse a guiar.

SEGUNDO

O guiar-vos não seguro
Porque não sei o caminho,
Porém, fico satisfeito
Levar companhia comigo.

PRIMEIRO

*Poemos*⁴⁰ ter perigo
Se não sabeis o caminho,
Porém, em caso intento
Não poderemos ter perigo.

³⁹ Por “obrigo”.

⁴⁰ Na versão do Padre Firmino Martins lê-se “poderemos”. Transcrevemos igualmente toda a estrofe, segundo a edição de Azinhal Abelho, pois nela o sentido é transparente: “Poderemos ter perigo / Se não soubermos o caminho / Porém eu fico contente / Por levar companhia comigo.”

SEGUNDO

Eu também da mesma sorte
Desejo levar companha,
Por temer as bravas feras
Que jazem nessa montanha.

PRIMEIRO

Também eu estimo bem
Pela noite estar escura,
Esperemos pelo dia
Teremos melhor ventura.

SEGUNDO

Ó *magestade* soberana,
Dai-nos luz nesta jornada,
Para irmos a Belém
Dar a nossa embaixada.

PRIMEIRO

Se a noite não aclara
Ó meu inocente Jesus,
Eu não mudo daqui um pé
Sem me mandar uma luz.

SEGUNDO

Mandai-nos um Anjo do Céu
Que nos venha ensinar
O caminho de Belém
Para vos ir adorar.

Pára, até que o Anjo diz:

Ó devotos, leais servos,
Continuai vossa jornada,
Vinde ver a Deus menino,
Filho da Virgem Sagrada.

Vai abaixo entregar-lhe duas luzes e dirá:

ANJO

Aqui tendes estas luzes
Eu serei a vossa guia,
Para verdes a Jesus
Filho da Virgem Maria.

Virá para diante e os embaixadores de trás, e diz:

Vinde comigo, meninos,
A dar o vosso recado,

E vereis a Jesus Cristo
Numas palhinhas deitado.

PRIMEIRO

Já poderemos, companheiro,
Continuar nossa jornada,
Pois que tivemos tal guia
Que nos ensinou a estrada.

SEGUNDO

Então vamos caminhando
Sem ter algum desvio,
Que também os pastores
Não temeram o caminho.

PRIMEIRO

Já vejo que a toda a pressa
Os desvelados pastores
Deixaram os seus rebanhos
Nos desertos destes montes.

SEGUNDO

Segundo diz *Esaiás*
Escreve este intento,
Vamos alegres visitar
O sagrado nascimento.

PRIMEIRO

Que nascimento de rei
Se celebra hoje no mundo,
Será *talves* algum rei
Que terá governo de tudo.

SEGUNDO

Conforme os santos padres
Será Jesus nascido
Na cidade de Belém
O esperamos ver nascido.

PRIMEIRO

Daqui donde estou vejo
Parece e não me engano,
Aquele Deus tão pequenino
Que as almas está numerando.

SEGUNDO

Eu daqui mesmo diviso
Logo naquela entrada
Uma divina princesa
Toda de flores cercada.

Aqui ajoelham, o Anjo no meio, e diz o Anjo:

Aqui estão, ó virgem pura,
Aqui estão, inocente Jesus,
Aqui estão os que pediam
Lhes mandasses uma luz.

PRIMEIRO

Bendito sejais, meu Deus,
Pois movido de amor,
Sofreis ser atormentado
Por livrar o pecador.

Ó meu Deus omnipotente,
Perdoai o meu engano,
Já que das almas dos homens
Sois o manjar soberano.

SEGUNDO

Ó Soberana Senhora,
Compadecerei-vos de mim,
Lembraí-vos daquele tempo
Do sacerdote Levi.

Ao qual fostes entregue
Para guardar virgindade
Em que excedestes a todas
Da vossa sociedade.

Sendo vós *mãe* de Cristo
Filho do Padre Eterno,
Esposa do Espírito Santo
Que nos livrou do inferno.

Não vos posso mais dizer,
Ó minha virgem sagrada,
Quero que meu companheiro
Dê a sua embaixada.

PRIMEIRO

Ó soberana senhora,
Aqui venho enviado,
Prostrado aos vossos pés
Para dar o meu recado.

As donzelas deste povo
Querem-vos vir visitar
Querem-vos trazer um ramo
Se lho quereis aceitar.

Quero-vos pedir licença
Com profunda humildade,

E daqui lha vou pedir
Ao senhor reverendo abade.

Senhor reverendo abade,
Deus lhe dê mais do que tem,
Se quer ser afortunado
Vá aos portais de Belém.

Que decerto achará
Numas palhinhas deitado
Jesus Cristo feito homem
Destruidor do pecado.

Mãe deste é Maria,
José pai putativo,
É Rei de todos os reis
Pastor do Ireneu perdido.

Porém, antes de lá ir
Quero-lhe pedir licença,
Que as meninas deste povo
Venham à sua presença.

Cantando e oferecendo um ramo
Com alegria
Ao menino Deus
Filho da Virgem Maria.

Alegre-se todo o mundo,
Haja alegria na terra,
Pois no rigor do Inverno
Temos nele a Primavera.

Vinde com o vosso ramo
E com vosso contentamento
Adorar a virgem pura
E o sagrado nascimento.

Mas em primeiro lugar
Enviai vossa oferta,
Oferecida à virgem pura
E ó verdadeiro Profeta.

MENINAS

PRIMEIRA

Levantem-se, senhores,
Deixem passar a quem vem
Que de uma é cortesia,
De outra parece bem.

Pois eu sei que os pastores
No alto cume da serra
Deixavam os seus rebanhos
Para vir ver esta festa.

Desejava de saber
Por donde hei-de caminhar,
Para ver o rei da glória
Que o mundo há-de salvar.

O sagrado nascimento
Que desculpa vos darei,
Deitei-me e adormeci-me
Ainda agora *escordei*.

Agora mal posso ir
Dar a minha embaixada
Que me vejo perdida
Por não saber a estrada.

Haverá neste deserto
Quem queira fazer companhia
A uma triste menina
Que jaz nesta montanha.

A noite está muito escura,
Ó minha virgem sagrada,
Eu daqui não mudo pé
Sem me mandar camarada.

Responde a segunda:

SEGUNDA
Espere lá ó companheira,
Não vá para aí perdida,
Eu por aqui tenho andado
Sei os ecos a *montina*.

PRIMEIRA
Vinde cá, ó companheira,
Segui-me nesta jornada,
Vamos ver o grande fruto
Que deu a virgem sagrada.

SEGUNDA
Vamos lá, ó companheira,
Adorar com devoção
Aquele Deus que veio ao mundo
Para nossa redenção.

PRIMEIRA
Louvado sejais, meu Deus,
Louvores vos dou em tudo,
Pois já veio a Belém
Para resgate de tudo.

SEGUNDA
Esta noite nos livrou
Daquela escravidão
Em que estávamos metidos
Pelo pecado de Adão.

Ajoelham.

PRIMEIRA
Ó soberana Senhora,
Desculpa vos venho dar,
Que não achei onde eu durmo
Quem me viesse *escordar*.

SEGUNDA
Eu também real senhora,
Não sabia de tal sorte,
Quem me ensinou o caminho
Foi a estrela do norte.

Deus vos salve, ave santa,
Ave sois que bem voais,
Pois sois vós e vosso filho
Quem todo o mundo salvais.

Que no princípio do mundo
Aquele Eva pecou,
Esta ave sempre pura
O mundo de culpa livrou.

PRIMEIRA
Senhor reverendo abade,
Sirva-se de perdoar,
Pela oferta ser pequena
Assim a há-de aceitar.

SEGUNDA
Oferece-lhe a oferta
Com zelo e devoção,
Àquele Deus que veio ao mundo
Para nossa redenção.

Oferece-lhe a oferta
Com zelo e humildade,
Pois ela é pequenina

Mas é de boa vontade.

PRIMEIRA

Eu quero-vos pedir licença,
Ó minha Virgem Maria,
Para que entrem as donzelas
Com prazer e alegria.

Entraí, donzelas, entraí,
Por estas portas adentro,
Vinde cantando louvores
Ao sagrado nascimento.

SEGUNDA

Vinde oferecer vosso ramo
Que a licença está pedida,
Pelo Filho de Deus Padre
Vos foi hoje concedida.

Depois que vem mostrar sua “franquesa”:

PRIMEIRO

Senhor Reverendo Abade,
Pároco desta igreja,
Dê licença a dois que *vem*
Mostrar sua *franquesa*.⁴¹

SEGUNDO

Amostrar sua franqueza
Dizes bem, ó camarada,
Pois eu a quero mostrar
À virgem santa sagrada.

PRIMEIRO

À virgem santa sagrada
Vamos com toda atenção,
Adorar a Deus Menino,
Filho do seu coração.

SEGUNDO

Filho do seu coração
E de certo companheiro,
Só ela foi escolhida
Do grande Deus verdadeiro.

PRIMEIRO

Do grande Deus verdadeiro
Nasce a criação do mundo,

Dos animais que habitam
Na terra, no mar profundo.

SEGUNDO

Na terra, no mar profundo,
Grandes cousas há-de haver,
E por isso companheiro
Tenho bem que te dizer.

PRIMEIRO

Tenho bem que te dizer,
Me dirás tu companheiro,
Como tu não és letrado
Nisso não ganhas dinheiro.

SEGUNDO

Nisso não ganho dinheiro
Dizes bem e tens razão,
Eu não pretendo riquezas
Só pretendo salvação.

PRIMEIRO

Só pretendes salvação
Isso é do meu agrado,
Eu pretendo também
O estado de casado.

SEGUNDO

O estado de casado,
Companheiro, tu que dizes,
As mulheres sendo boas
Sempre queimam os *narises*.

PRIMEIRO

Sempre queimam os *narises*
E de certo não te enganas,
Para armarem uma *entriça*
Bastam bem duas castanhas.

SEGUNDO

Bastão bem duas castanhas
E de certo, companheiro,
Elas são muito *capases*
De embrulhar o mundo inteiro.

PRIMEIRO

De embrulhar o mundo inteiro
Não to posso acreditar,
E por isso, meu amigo,
Meu desejo é casar.

⁴¹ Como se pode constatar pela nossa edição digitalizada, em cima desta estrofe foi colado um papel.

SEGUNDO

Teu desejo é casar
Faz tudo o que quiseres,
Pois eu deveras te digo
Que não posso ver mulheres.

PRIMEIRO

Não podes ver mulheres
Isso não é assim,
Se as podes caçar
Não as deixas para mim.

SEGUNDO

Não as deixo para ti
Segundo o teu parecer,
Mas afirmo-te em verdade
Que eu que nunca as pude ver.

PRIMEIRO

Não podes ver as mulheres
Disso não quero saber,
Eu só quero que me digas
Tu que vens aqui fazer.

SEGUNDO

Eu que venho aqui fazer,
Me *preguntas* companheiro,
Eu quero o céu por esmola
E amar a Deus verdadeiro.

PRIMEIRO

Eu também amo a Deus
Dele espero salvação,
E também muita fortuna,
Regalo do coração.

SEGUNDO

Regalo do coração
Nunca terás, companheiro,
Pois no tempo presente
Regalo é ter dinheiro.

PRIMEIRO

Espera lá, ó companheiro,
Que para acabar a jornada,
Para chegar a Belém
Tomaremos uma pitada.

SEGUNDO

Tomaremos uma pitada
Se tu me fazes a graça,

Agora também bebíamos,
Mas esqueceu-me a cabaça.

PRIMEIRO

Esqueceu-te a cabaça
Nesta ocasião,
Eu como não tinha vinho
Também não trouxe pão.

Adeus, minha senhora,
Protecção do mundo inteiro,
Eu vos peço uma esposa
E também muito dinheiro.

SEGUNDO

Adeus, ó virgem sagrada,
Mãe de Deus onipotente,
Eu vos peço o céu por esmola
E também para esta gente.

PRIMEIRO

Adeus, ilustre auditório
Bem paciência tendes tido,
Mas o trabalho foi meu
De vos ter advertido.

SEGUNDO

Adeus, ilustre auditório,
Ficai na paz do Senhor,
A maior pressa que tenho
É ir tocar o tambor.

PRIMEIRO

Tu vais tocar o tambor
E eu toco as castanholas,
Estes ficam-se rindo
Por nós sermos mariolas.

FIM.